



Colônia brasileira em Lisboa: A sr.ª D. Alcídia Machado, filha do sr. João Pereira Machado, 1.º secretario do Club Brasileiro

Segunda série—N.º 440

Lisboa, 27 de Julho de 1914

## Ilustração Portuguesa

Dirêtor e proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPANHA:

Redação, administração, offic. de composição  
e impressão: RUA DO SECULO, 43

Edição semanal do jornal  
O SECULO

Trimestre... 1820 cent.  
Semestre... 2840 "  
Ano..... 4880 .  
Numero avulso  
10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8



Livia Otero

## Mad.<sup>me</sup> LIVIA OTERO em Lisboa CRÉME BELEZA

Madame Livia Otero. Tendo feito sobre a beleza e artigos de toilette os mais profundos estudos e experiencias, a minha gentil clientela poderá, por meu intermedio, conseguil-o.

Seio desenvolvido, mais forte, mais redondo, perfeito, ideal, dando ao corpo uma beleza fascinante e uma deificada brancura, poderá ter-o qualquer senhora ou menina com o perfumado **Crème Beleza**. Efeito maravilhoso em 30 dias. Dá tambem á face de todos umiformosura sem igual, torna a pele do pescoço e da c.a. a mais branca, lisa e asselinada, tira as rugas do rosto, sardas, manchas, cicatrizes, panno e todos os sinais das boxigas.

Envia-se tod s as explicações juntamente **Gratis** s instituições com fotografia para usa e conselhos uteis, pa a as senhoras e meninas, para se conservarem mais bonitas. Peça de uma caixinha grande de **Crème Beleza** com uma caixinha **Gratis** de Pó Dentifrico, 18300 réis, e de uma pequena caixinha que serve só para experimentar, 300 réis. Pelo correlo mais 25 em estampilhás.—Dirigirem-se a **Madame LIVIA OTERO, Rua da Prata, n.º 156, LISBOA.**

## A cura dos cabelos e Depilatorio Moderno

Os meus preparados são de surpreendentes efeitos, quer para evitar a queda dos cabel os, quer para os fazer nascer e crescer abundantes, fortes e ondulados como os meus. Paga-mento depois de obtido o resultado. Explicações gratis, bem como relativamente ao meu Depilatorio mode no, para o radical e completo desaparecimento dos pelos no rosto em cinco minutos, tão eficaz que nunca mais voltam a nascer.—Dirigirem-se a

**Madame LIVIA OTERO**  
Rua da Prata, 156—LISBOA

## Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

### CAPITAL

|  |               |
|--|---------------|
| Ações .....                              | 360.000\$000. |
| Obrigações .....                         | 323.910\$000. |
| Fundos de reserva e de amortisação ..... | 266.400\$000. |
| Réis .....                               | 950.310\$600. |

**Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

## PARA QUE VIVER ?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **A. A. O. 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 — PARIS.**

## Seda Suisse

franco de porte a domicilio. Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco **Schweizer & Co., Lucerne E II** (Suisse)

### FOTOGRAFIA

*Rentlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Sabonete preparado  
com os saes das Aguas



de **Nizella**

o melhor para a pelle



**Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos,** CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

**Tonico Amarello** com sello **Viteri** Preparado desde 88: pela **PHARMACIA BARRETO.** Suspensa a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das seuboras. **Regenera a cor primitiva.** Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os trissados e ondulados. Não contém enxofre. Frasco 700 réis — Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registro. **Deposito geral**

**VICENTE RIBEIRO & C.ª**—84, R. Paquetirus, 1.ª—LISBOA

## O bluff dos Exercitos

Na ultima semana, a França teve sobre si as atenções da Europa. O julgamento de madame Caillaux veio suscitar duvidas ácerca da absoluta correção de processos por que é feita a administração financeira do Estado francez; o discurso do senador Haubert revelou á França assombrada as condições miseraveis em que se encontra o seu exercito. D'estes dois factos, os jornaes monarchicos de Paris concluem que as instituições republicanas abriram falencia. E' uma conclusão pelo menos precipitada. Ha em todos os Estados mentiras convencionaes: o exercito é uma d'ellas. Se fosse possível inquirir, com absoluta verdade, do estado de organização e de dotações do poder militar nas potencias europeias, teriamos de confessar que os grandes exercitos são hoje, por toda a parte, «bluffs» formidaveis. A França difere dos outros paizes apenas n'um pormenor: em ter a coragem de o confessar.



## A Alfama

De vez em quando, apparece nos jornaes a mesma noticia sensacional: vae arrasar-se a Alfama. E' licito acreditar que alguma vez a noticia seja certa, e que essa reliquia da Lisboa antiga, com as suas casas de resalto, os seus cunhaes d'armas, o beiral vermelho dos



seus telhados flamengos, as suas imagens de azulejo lampejando ao sol, a sombra carinhosa das suas rótulas verdes, as curtas betesgas estreitinhas onde de janela para janela as mãos se tocam, — caia, emfim, sacrificada ás nobres exigencias da hygiene moderna. Está bem. Julgo, entretanto, dever lembrar aos homens cultos do municipio a conveniencia de não se ordenar uma demolição «in integro», e de se fa-

zer conservar, como monumento, devidamente restaurada, uma pequena parte da antiga Alfama. Não teria o interesse archeologico da velha Paris, da velha Londres ou da velha Bruges, — mas ficaria como um documento vivo e pitoresco da Lisboa dos séculos XVI e XVII.

## Portugal e Hespanha

Depois da manifestação produzida no senado hespanhol a favor d'uma mais intima associação de interesses entre a Hespanha e Portugal, varios jornaes de Madrid continuam a afir-



mar as vantagens que para os dois paizes resultariam d'um entendimento comercial e politico. Evidentemente, nas relações internacionaes não ha ressentimentos; ha apenas interesses. O povo portuguez aplaudirá, decerto, todas as negociações feitas pelos respetivos gabinetes no sentido d'um accordo com a Hespanha, — desde que esse accordo repouse, não apenas sobre uma base de vantagens comuns, mas ainda sobre o reconhecimento fundamental do respeito que as nações, como os individuos, mutuamente se devem.

## A desordem

Os ultimos tiros e as ultimas arruaças no largo de S. Domingos vieram chamar, mais uma vez, as atenções da opinião para determinada categoria de profissionaes da desordem, contra os quaes o governo tem o dever indeclinavel de proceder. E' certo que a agitação produzida é



méramente artificial; mas nem por isso deixa de ameaçar vidas e de perturbar a tranquillidade publica. O caracter de facção partidaria que insistentemente se atribue aos acontecimentos, está alimentando uma funesta confusão entre desordeiros e politicos, — com evidente injustiça para uns e para outros.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



# TORRE DE MARFIM

## I

*Manhã azul. Os campos húmidos de gosto. Pom-  
bas!*

— Pois nem a vizinha imagina ha quanto tempo eu aqui estou!

— E julga que me é muito necessario sabe-lo?

— Não... Mas como notei que se havia admirado de me vêr aqui, quiz-me parecer que lhe não seria de todo indifferente o saber ha quanto tempo...

— Perdão. Não foi de o vêr aí, sentado no muro, que eu me admirei. Foi, antes, de o vêr com a cabeça ao sol e a cobrir do fumo do cigarro essas roseiras brancas, que devem de estar, por certo, muito pouco contentes comsigo!...

— Ora!... Então acha?...

— E' isto que lhe digo. Em primeiro lugar, porque receio que o senhor venha a adoecer com o sarampo...

— Troça!...

— Qual troça. Veja que estou a dar lhe um conselho!... E em segundo lugar, como ia dizendo, porque sei bem que as rosas, como creaturas delicadas que são—como as mulheres, por exemplo—gostam pouco do cheiro do tabaco. Ora o senhor está sendo desapiedado para com elas. Era isto, apenas, o que, como lhe disse, me admirava!...

— E se eu lhe disser...

— Vá, diga lá...

— ... que a maioria das mulheres—e não sei mesmo se as rosas, portanto—não detesta, tal, o cheiro do tabaco.

— Duvido. Com o juizo todo, duvido. Mas... deixando a «questão», peço lhe: não sobre o fumo azul do seu cigarro a essas rosas brancas, pobresinhas!... Veja ao menos que são filhas da mesma raiz d'estas rosas da minha janela!... Ora, por uma questão de estima... Se é que, realmente, o visinho tem...

— Pronto. E' só esta fumaça. Lá vae o cigarro... Viu?

— Obrigada. E' a primeira vontade que o visinho me faz, durar-te estas primeiras vinte e quatro horas da minha estada no Soutelo.

— E quantas mais deseja?

— Vontades?

— Sim.

— ?...

— Diga.

— Então julga-me assim uma creança de peito, para ter «vontades»? Repare que tenho já vinte anos!

— ... e os olhos pretos!...

— Engraçado!... Pois engana-se. Castanho escuro é que são.

— Ah, sim? Pareciam-me pretos. Desculpe, então. Mas ninguém o havia de dizer!... D'aqui, quem olha... Naturalmente é por ser muito rosada. Depois, tambem, a distancia d'este muro para aí, e o reflexo do sol entre a sébe das rosas... Enganam... Ora o que aposto é que ainda não sabe qual é a côr dos meus olhos!...

— Verde.

— E'!

— Vê-se. Tão moreno!... Depois a aba larga d'esse chapéu...

— Fica-me mal? Acha?

— Não. Pelo contrario. Dá-lhe um ar alegre e...

— Diga!...

— Não...

— Diga!...

— Peça-o de mãos erguidas!

— Veja. Peça!...

— Olhe que cae abaixo do muro, no silvado! Veja lá, sr. Fernando!...

— Diga!...

— ... e dá-lhe um ar garoto! Adeus.

— Oiça! Não vá!... Maria da Luz?... Oiça!...

## II

*Stela cúbida de agosto. Sol rubro, a pruma do  
longe, canções vagar, nas crifas. Toda a verdura  
das vinhas como suspensa, sob a poeira barbara  
da hora, e fulgindo!*

— Onde vaes, tudo cubicas,  
perdes-me sempre o respeito.  
Itel de tirar-te estes olhos,  
fechal-os dentro do peito.  
Hel de tirar-te...

— Ah!

— Boa tarde!

— Que faz o senhor aí?

— Escrevo.

— Versos?

— Não sei fazer versos...

— E' pena... Gosto tanto! Mas olhe lá!... Espere... Sim, sim; é verdade; a tia Leonor já me disse que o senhor fazia versos, que era poeta. Disse-m'ô uma noite, ha muito tempo, lá na cidade.

— Então já ha muito tempo que tinha noticias da minha existencia!...

— Já. Ha muito... E quer saber? De vez em quando, não sei porque, lembrava-me de si. Via passar outros rapazes á minha porta, e logo dizia para comigo: «lá vae ele!»...

— Rapazes que a namoravam! ...  
 — Não. Precisamente o contrario: só d'aqueles que nem uma vez sequer olhavam para mim...  
 — Então obrigado. Olhe que está ao sol...  
 — Não faz mal.  
 — ... E' que pôde adoecer com o sarampo. Este sol de agosto é muito mais perigoso que aquele outro de ha cinco mezes...  
 — Como o senhor é mau! Também eu lhe posso dizer: não esteja aí, debaixo do loureiro, que tenho lá um cortiço de abelhas...  
 — Ora... Importo-me bem!...  
 — Não lhes esmague o favo, que é meu!...  
 — Ai, não, descance. N'essa não cáio, porque tenho amor á pele. Sómente o que é pena, já que todas as abelhas teem o seu cortiço... é que o meu coração não tenha um peito amigo aonde se recolha...  
 — Pobresinho... Tão novo e já tão desiludido!... Faz lastima, na verdade!...  
 — Afinal, vejo: a Maria da Luz não é o bom coração que eu supunha ser...  
 — Ai, não sou, não. Pelo contrario.  
 — Veja ha quanto tempo eu, ora por pensamentos, ora por palavras e obras...  
 — ... e por sua maxima culpa, acrescente!

— Muito!...  
 — Não estas a mentir-me... D'aqui a casa, sabe-lo bem, é meia hora de caminho. E' que tu pensas n'uma outra coisa!... E' quasi nóite, tu pensas n'outra coisa... Descançar!...  
 — Não, não é...  
 — Como se eu o não tivesse compreendido!...  
 — E' que não gostei...  
 — Não digas que não gostaste!... Um beijo, o primeiro beijo, é quasi innocente.  
 — «Quasi»... Depois...  
 — Furtado, eu sei... Mas ninguem viu. Estavamos entre laranjeiras, sós; apenas as arvores e o céu, da sua quietude atenciosa, estremeeceram um pouco, mas quasi imperceptivelmente... O pudor das almas virgens, e nada mais. Depois apenas aquele melro se desprendeu do medronheiro, levantou vôo em curva, e se foi a rir, por ali abaixo, ás gargalhadas... Eu sei: foi por isso que tu córaste. E não valia a pena. Afianço-te, como era o primeiro beijo, o melro achou-lhe graça, mas



— ... lhe tenho querido dizer, Maria da Luz — e mais do que dizer, provar... — que sinto por si...  
 — Fernando!... Veja, pese bem o que vae dizer-me!... Olhe que pôde, sem o querer, causar um grande prejuizo na minha vida...  
 — Um grande prejuizo?... Como?...  
 — Pense. Veja que estou a falar-lhe muito a sério!  
 — E' que isto não pôde continuar assim!  
 — Como?  
 — Ha seis mezes que a vejo, e não sei, francamente, não sei!...  
 — Ah, senhor poeta! que vê a Torre de Martim e não sabe falar-nos d'ela!...  
 — Amo-a, Maria da Luz? E' o que sei!  
 — Muito? Fale baixo...  
 — Imenso!  
 — Fale baixo... Também eu! Ha muito tempo!... Adeus!...  
 — Oiça!  
 — Acabe de escrever...  
 — Já não é preciso! Disse-lhe tudo!... Adeus!...  
 — Adeus!...

### III

*Pelas vindimas, sob a luz doirada de setembro.*

— O peor é agora, para voltar, Fernando!...  
 — Porque? E' longe?

não o foi contar a ninguem... Eu sei, eu sei...  
 — Não sabes nada... Dizes tolices.  
 — Ah, sim?! Pois a apostar como te irritastes mais com o melro do que comigo, a apostar?  
 — Anda. Vamos ao lagar.  
 — Aonde tu queiras. Vamos. Mas a verdade é que...  
 — Não fales agora, que te pôdem ouvir.  
 — Descança. Não ouvem. Mas quando o beijo cantou, o teu primeiro movimento — é ou não é verdade? — foi lançares os teus braços ao meu pescoço. N'isto o melro desprende-se, lança a curva simultanea do vôo e da sua ironia aberta, e tu comprehendes, deixas cair os braços e cerras, voltada, os olhos e os labios feridos de vergonha e de despeito. Ia apostar que te ficou na alma um pouquinho de odio pelo garoto que lá ia levado, ás ondas por sobre as avoeres do pomar, visto que te feriu de morte um antigo e carinhoso desejo, não?  
 — !...  
 — Pois é claro! Eu tinha-o comprehendido.  
 — Tu até comprehendes demais!  
 — Obrigado... Olha o vinhal!  
 — Ha cinco anos que aqui não vinha!  
 — Em compensação viremos agora os dois, todos os anos!  
 — Para a outra vindima já nós teremos oito me-

zes de casados; já tu estarás aborrecido de mim!...  
— Oh! Maria da Luz!...

*Um cantador, à porta do lugar, enquanto os céus entram, com a viola ao peito:*

Viva lá quem tem flores  
no seu cantileiro de prata...  
al, lá, ri, lá, léia,  
no seu cantileiro de prata,  
que com olhos de tal fogo  
não morro se me não mata,

Já lá vem a noite, ao fundo,  
já lá vem a tia nova...  
al, lá, ri, lá léia,  
já lá vem a lua nova,  
já lá vem o ano e o dia  
de ficares na minha alcova!

— Olha a tia Leonor, Maria da Luz!

— E' verdade! Porque caminho passou?... Viria atrás de nós, Fernando?!

— Não. Descança... Não ouviu o melro!...

— Estamos todos! Oh, que alegria que eu sinto!!!

#### IV

*Sobre o bronze irregular das elevatíssimas montanhas, cujas arestas barbaças fazem o céu arqueado, dilua-se a fina razea do sol que expira, ao anoitecer indolente e húmido de dezembro. Vagaram, pela tralada do mundo, uma rebanho de aves á arrebatadas. Ficou-se, entremetido, as almas e abridas as asas pela tristeza recolhida dos vales, as buda/adas comovidas das «Ave-Marias». De cajado ao ombro, o pegureiro canta:*

E' uma Torre tão alta  
que as nuvens pôde tocar:  
onde as lanças não chegiram  
e o Amôr soube chegar,  
visto que a fé de quem ama  
tem azas, pôde voar!

E' um « Torre tão alta  
que a vêem a terra e o mar:  
linda de dia, ao sol nado,  
mais linda á noite, ao luar,  
sonharam té-la dois netros,  
e lá a estão a habitar.

E' uma Torre tão alta  
que nada a pôde egualar,  
e nada está fó-ra d'ela,  
tudo lá deve de estar.  
Estão lá o Amôr e o Gosto,  
que eu bem os oiço cantar!...

*De olhos magos ficando as janelas douradas da Torre, o pegureiro passa e desaparece, envolto nas brumas noturnas...*

— E então o príncipe disse á princeza: «Aqui tendes vós, senhora minha, uma arca feita de ouro; tirae d'ela todas as joias que de gostarades, e que elas vos dêem, minha vida, bem mais que as roseiras dos muros, que os loureiros do horto e as trovas dos pegureiros, a alegria e a paz.» Então, a princeza...

— Maria da Luz, olha que os tóros estão a esquecer-se... Em casa d'amor nunca o lume deve de estar apagado!...

— Espera, meu amôr.

— Que serenidade! A noite, lá fóra, parece um veludo!... Tão espessa e tão silenciosa!...

— Está a ouvir-nos, não te parece?... E então a princeza, tomando como eu a sua roca, pôz-se a sorrir para as joias que via lá dentro, a reluzirem!... «Bom presente de noivado, me dáis, senhor meu; porém, a novidade é nenhuma!...» Sem ter compreendido, o príncipe, interrogativo, pôz-se a olhá-la, abrazado espanto! O castelo estava petrificado ao centro da noite, como uma obra de sonho! E vai d'aí, tornou a princeza, sorrindo: «... Porém (e não vos agasteis comigo!)... a novidade não é nenhuma!...»

— Todas as «novidades» são velhas, assim como todas as «velhices» sempre novas!... Somos nós,

olhando as coisas imutáveis, que temos de eternisá-las, passando!...

— Não é isso!... Não olhes para o lume que te faz cismas, Fernando!... Continúa escrevendo, que eu tenho a roca quasi ao fim.

*As brumas, n'um eco de enorme distancia e comovidamente:*

E' uma Torre tão alta  
que só lá pôde voar  
bruma que s'aba da terra  
em onda, como as do mar!...

— As nossas janelas, lá fóra, devem parecer, a quem passe, grandes folhas douradas de uma flora heraldica! O teu amôr, Maria da Luz!

— Ouve. E então o príncipe, entristecendo por instantes, teve ao fim um movimento de decidida resolução, dizendo: «Vão meus criados fazer-me o leito no mais fundo dos pisos d'este castelo; n'esse onde o Mar bate e inutilmente interroga, dia e noite, as tristezas que se dominam, geladas, a meio da escuridão!... Partam, já que a felicidade é tão pouca...» E a princeza, em frente d'ele, sorrindo-se, continuava dizendo com olhos de muito amor: «... Porém, meu esposo, ao que me amostreas, a novidade é nenhuma!...»

— E sorria-se...

— Sorria. Mas eis que o príncipe se decide a partir. No mesmo instante, a princeza, tendo espiado o ultimo fio da sua roca, abandona-a ao lado e vae enlaço-la, assim como eu te enlaço a ti, Fernando, toda radiante! «Ouvi: Já vossa arca não tinha joia—lhe diz ela—cujo brilho eu não admirasse, desconhecendo-o. Tudo o que fechado tinheis, no vosso peito, para mim, tudo eu havia descoberto, mercê d'esta fragilidade tão subtil e ao mesmo tempo tão perigosa, que é, de sua natureza, um coração de mulher! Se bem que o vosso peito—ou seja, como dizeis, a vossa arca—vos não pareça, a vós proprio, transparente, o certo é que para mim todo se reveste de cristal! Foi assim que eu vi, no mais profundo e isento da vossa alma, tranquilas e brilhando entre um encanto todo refletido de verdade—como, de resto, todas as joias o devem estar—o que em vós era Prisão, Constancia e Alegria! Porque, pois, me amostrais e ofereceis das vossas joias, se a todas elas de ha muito eu conheço e, a bem dizer, possuo?!...»

— Eu sei o resto do conto, Maria da Luz!... Então o príncipe, cujas lagrimas lhe espelhavam em felicidade a luz dos olhos, chamou a si, d'este modo, com as mãos tremulas, a cabeça encantadora da princeza, e, unindo-a muito ao peito, tomou ao lado a luzeira antiga... Tal qual esta que eu tomo agora!...

— Meu amor!...

— ... e subiram então os dois, alta noite, a caminho do leito, á ultima galeria da Torre de Marfim!...

— Onde duas almas serão, eternamente, apenas uma!

— E o beijo um fruto eternamente do mesmo sabor!...

*Vagamente, na escuridão da Torre, as brumas, adormentado a face nos vidros, suspiram:*

E' uma Torre tão alta  
que nada a pôde egualar.  
Tudo estará dentro d'ela,  
tudo lá deve de estar!  
Estão lá o Amor e a Graça,  
bem os sentimos sonnar!...



# Concurso das Figuras Nacionais



Difundir a Historia d'um povo é dar-lhe energias, vida, conhecimento do passado e cujos exemplos de grandeza ficam como incitamentos e cujos horrores, cujos crimes, são como motivos de repulsa salvando os homens de os imitarem. A Historia tempera o caracter d'um povo e nenhuns episodios como os da vida portugueza podem ser exemplo e podem ser incentivo. São as lutas pela independencia e a conquista do territorio; depois a fórma brava de repelir o invasor; é o alargamento de dominios por marinheiros audazes em aventuras fantasticas e é a bravura, o cavalheirismo, a grande ação do passado palpitando para os vindouros.

Grandes fidalgos, reis, humildes soldados, padres, aventureiros e estoicos, bizzaros e talhados n'uma só peça, as figuras nacionais passam n'um rumor de batalhas, n'um fulgor de apotheoses nos livros velhos das cronicas e nos encantos das novelas que o nosso povo lê com infindo prazer.

Propagandear os feitos, mostrar o passado, é missão de grande alcance e o «Seculo», mais do que nenhum outro jornal, pela sua enormissima tiragem, dispôz-se a cumpril-a, publicando os feitos mais belos da «Historia das Figuras Nacionais» por meio d'um util e pratico concurso do qual se tirarão além do ensinamento e do prazer da leitura de magnificos trechos literarios, proveitosos brindes no valor de

Cincoenta contos

ou sejam

Cinco mil escudos

Divididos nos mais variados e valiosos premios para todos os que cumprirem as

## Condições do concurso

1.ª—Os cadernos, feitos em qualquer papel, são constituídos por quarenta figuras das que saem nas nossas publicações, sempre diferentes quando da mesma publicação. Cada colecionador pode enviar os cadernos que quizer, desde que satisficam a esta condição.

2.ª—As figuras que são publicadas no *Seculo Agricola*, no *Suplemento de Modas & Bordados* e no *Seculo Comico* valem por duas; as do *Seculo*, edição do Brazil e colonias, valem por tres. e as da *Illustração Portuguesa* valem por dez das do *Seculo* diario.

3.ª—Por cada caderno, que tem de trazer na capa, em letra bem visivel, o nome e morada do colecionador, receberá este uma senha numerada, e que o habilitará ao sorteio.

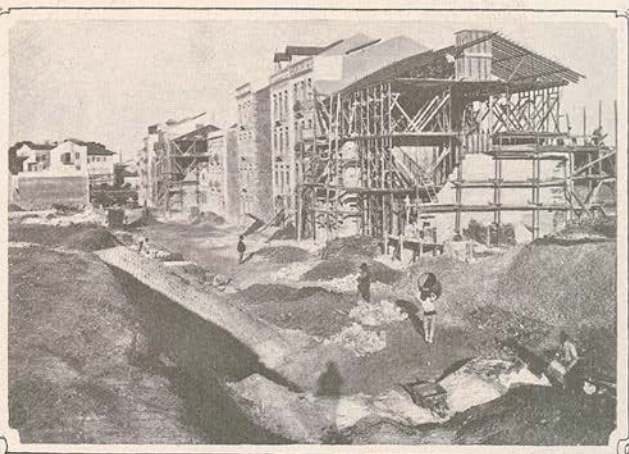
4.ª—São sempre validas as figuras cola-

das até agora com os fragmentos publicados.

**Basta colar nos cadernos a figura que vem na 1.ª pagina**

**Não precisam fazer mais nada. Quem ainda não tiver as figuras coladas pôde cortar as que teem sido publicadas na 1.ª pagina, e serão validas da mesma fórma. N'este concurso não ha complicações. Basta cortarem as figuras da 1.ª pagina colar-as e apresentarem os cadernos, mais nada.**

Os assinantes ou compradores de todas as publicações d'este jornal podem organizar as suas colleções, indistintamente, com as figuras n'elas publi-



No bairro do Rego: O local para a edificação da casa do Concurso das Figuras Nacionais, do «Seculo» e suas publicações.

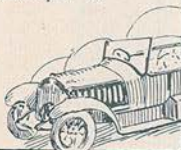
cas, de fórma que cada caderno contenha o valor representativo de quarenta figuras do «Seculo» diario.

Assim, por exemplo, vinte figuras do «Seculo» diario, duas do «Seculo do Brazil e Colonias», uma do «Seculo Comico», outra do «Suplemento de Modas & Bordados» e outra da «Illustração» constituem um caderno representativo de quarenta figuras. Por esta ou por outra qualquer fórma se podem organizar estes cadernos de modo que **SEMPRE O SEU VALOR SEJA DE QUARENTA FIGURAS.**

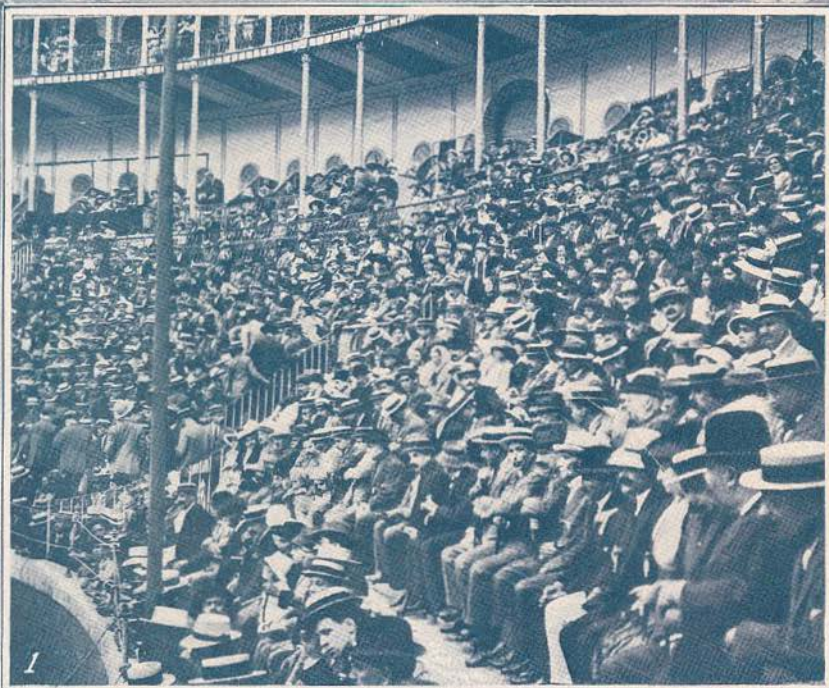
**Entre os premios do concurso** figura um esplendido palacet já em construção no bairro do Rego.

Aos leitores da **ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA** em que cada figura inserta vale por dez das publicadas no «Seculo» recomendamos o

## Concurso das Figuras Nacionais



## A tourada em benefício de Cadete



A tourada em benefício do distinto bandarilheiro Jorge Cadete foi uma das melhores realizadas no Campo Pequeno, tendo tomado parte em homenagem ao artista os conhecidos amadores tauromaquicos D. Carlos e D. Antonio Mascarenhas assim como o filho do festejado, Jaime Cadete.



1. Nas bancadas do publico. 2. José Casimiro colocando um ferro à meia volta. 3. O bandarilheiro Jorge Cadete depois de meter um belo par a quarteto—(«Clichés» do distinto fotografo João Canela).



# No Liceu Maria Pia



As alunas do liceu Maria Pia fizeram uma exposição de trabalhos deveras interessante e na qual se apresentaram belos



trabalhos aos quaes se conferiram premios. Demonstrou-se com esse certamen o valor de quem ensina e a applicação de quem aprende.



1. A exposição de trabalhos das alunas. 2. Outro aspéto da exposição. 3. Grupo das alunas premiadas.



## MEU OLHAR

O meu olhar é súplica de beijos...  
Quando te fico a olhar, fico beijando  
Como se te impregnasse de desejos...  
Amôr! ando-me assim transfigurando!

Vou sepultando os olhos no teu rastro,  
E teu corpo fugindo como um lírio...  
Anda cismando a lua n'algun astro  
Como meus lábios sonham em martírio...

Que meu olhar caiu em tentação!  
Teus lábios no meu pobre coração,  
Como chagas no céu, deixaram laivos...

Estendo as mãos mendigas pela terra...  
E o luar minhas palpebras descerra...  
—Oh mendigo das sombras, resignae-vos!

Torre de Anto

*Carlos d'Oliveira.*

ST/ART.

## EM OSTIA O antigo porto de Roma

bre. Na idade média a riquíssima e encantadora cidade foi destruída e esqueceram-se as suas antigas pompas os seus bens, as suas grandezas. Um vento pestifeiro passava sobre aquelas ruínas. Um dia, porém, começaram as escavações, as buscas. Pio VII ordenou-as, Pio IX continuou-as e quando Roma deixou de estar sob o domínio dos pontífices o

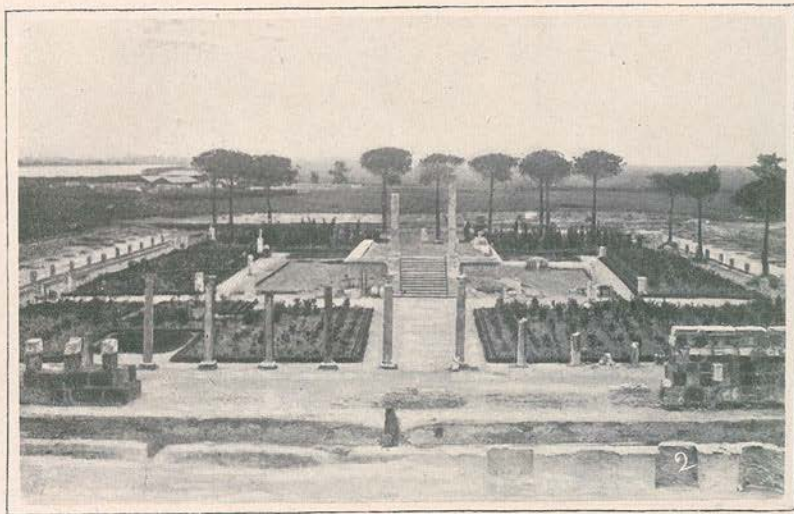


Ostia, onde se estão fazendo importantes descobertas, foi o grande porto da imperial Roma, na boca do Tibre. Fundada por Ancu Marozio foi subindo sempre em pompas.

Claudio construiu dois belos arcos e um farol; Trajano fundou o porto a que deu o seu nome que é uma bacia hexagonal de 45 hectares ligada ao rio por um canal tomado sob o nome de «Fuimicina» o braço navegável do Ti-

governo italiano foi mandando fazer, com um surpreendente êxito, as mais rigorosas pesquisas.

Descobriram-se as suas belas portas, os arcos triunfaes, aquedutos, mosaicos que eram o chão dos templos erguidos a Ceres e a Vulcano, surgiram o palacio imperial, os banhos etc. Nos últimos tempos apareceram então belísimos edificios, como o teatro que foi construído por Augusto d'Agrippa e cuja entrada principal é uma



1. O templo de Vulcano. 2. O templo de Ceres visto de lado.



Praças das corporações por detraz do teatro

obra prima. Mostra-se n'esse edificio uma particularidade notavel. Tem um corredor em volta todo decorado a estuque. Muitos amadores d'antiquidades teem ido, visitar essa cidade imperial que resurge das cinzas e os arquitetos extasiam-

se a todos os instantes, perante essas maravilhas arquitetonicas, diante das estatuas e dos templos que aparecem nas cuidadosas buscas de que Ostia, a famosa, está continuando a ser objeto.

(Clichês C. Abenicar)



Descoberta d'uma estatua virli.

# O Faial

Constituída a nacionalidade, o espirito aventureiro da raça teve de dirigir para o mar os seus vãos audaciosos; a espada dos heroes já tinha conquistado aos mouros o territorio da Patria, as quilhas das naus iriam rasgar novas estradas por mares tenebrosos, envoltos na lenda.

E' n'este periodo aureo da nossa Historia que Gonçalo Velho Cabral, por indicação dada de Sagres pelo infante D. Henrique, se dirige para o ocidente e descobre terras

que em menos de meio seculo ficam conhecidas e povoadas. Eram os restos da Atlantida, vasto continente terciário

que unia as ilhas britannicas á peninsula iberica e cujo desaparecimento se deu talvez já na actual idade geologica.

São essas nove formosas ilhas, de clima amenissimo e solo fertil, que constituem o arquipelago dos Açores, nome proveniente d'umas aves derapina que lá existem e que se reconheceu depois serem milhafres. Pouca gente as terá visto e admiradoe, todavia, topam-se por ali panoramas lindos, unicos, preciosidades que a acção vulcanica e

maritima caprichou em construir. A ilha do Faial não é a maior, mas é decerto uma d'aquellas em que a natureza foi



Um trecho do Jardim da casa onde nasceu o sr. dr. Manuel d'Arriaga  
Presidente da Republica Portuguesa



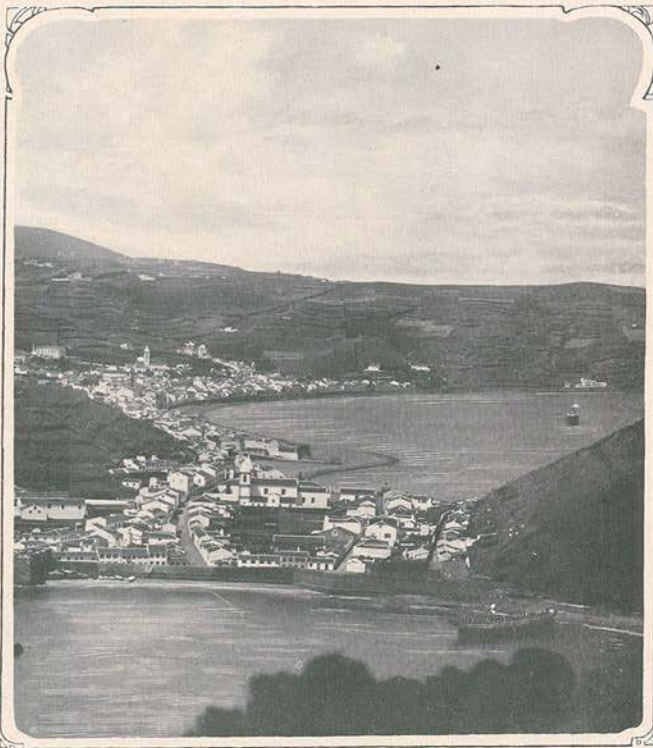
A «Ponta Furada»

mais prodiga; as faias primitivas, que pela sua abundancia lhe deram o nome, foram substituidas pelas hortensias d'um lindo azul, frescas, odorantes, que erram pelos campos em vedações de predios e adornam os taludes das estradas, sombreadas de quando em quando por alamos esguios em cujos troncos se enroscam, como serpentes, roseiras bravas, prenhes de brilho e de aroma.

O ma's bonito passeio da ilha é o da *Caldeira*. Passeio soberbo! Uma lomba

rar; atraz ficou um dos panoramas mais lindos que olhos humanos lograram ver. Ali, a meia duzia de milhas, a ilha do Pico, magestosa, imponente, isoscelica, domina o espaço com o seu vulcão de dois Vesuvios de altura, obrigando o porto da Horta, o mais seguro do arquipelago; ao lado, S. Jorge limita o horizonte com a sua extensa faixa de terra e mais alem a *Graciosa*—nome tão acertado!—termina formosamente aquele conjunto singularissimo, que constitue um quadro tipico n'aquelas ilhas. Ha a illusão de se estar na margem d'um lago, onde a natureza tivesse propositadamente reunindo os mais belos trechos da terra. A cidade da Horta, em baixo, é a pedra preciosa d'aquelle anel monumental, engastada n'um suave anfiteatro que vae morrer junto ás espumas da praia, lançando das suas extremidades dois herculeos braços de terra que cingem nervosamente o mar e parecem convidar os navegantes a abrigar-se das tempestades e admirar o panorama da cidade, o mais belo das tres capitães dos distritos açoreanos.

Mas o passeio não terminou aqui. Transposta a ultima parte da estrada, agora orlada de extensos pinheiros, entra-se no mato, onde uma verdadeira atapetada de musgos macios, aveludados, conduz á borda da *Caldeira*. Profunda e indescrevível comoção a recebida ao chegar á beira d'essa cavidade desmedida, abissica, que se rasga a nossos pés. Em face da originalidade da depressão, da exuberante vegetação que lhe reveste as paredes, em que brotam fontes cristalinas, até á vasta lagôa do fundo d'onde surgem esbeltos cabeços policromados, fica-se estupefacto, assombrado; participa da emo-



A cidade da Horta, vista do Porto Pim

florida separa dois vales extensos, viçosos, colossaes tapetes de vegetação luxuriante, onde a casaria branca dos povoados se destaca elegantemente ao longo dos ribeiros. A vista alonga-se e perde-se na contemplação d'aquelas paisagens maravilhosas, que dir-se-hia meticulosamente preparadas por um titan de paciencia chinesa; e assim se caminha para o centro da ilha na direcção da enorme cratera do vulcão extinto, a que lá se dá o nome de *Caldeira*.

Mas não se avance sem pa-

raes, entra-se no mato, onde uma verdadeira atapetada de musgos macios, aveludados, conduz á borda da *Caldeira*. Profunda e indescrevível comoção a recebida ao chegar á beira d'essa cavidade desmedida, abissica, que se rasga a nossos pés. Em face da originalidade da depressão, da exuberante vegetação que lhe reveste as paredes, em que brotam fontes cristalinas, até á vasta lagôa do fundo d'onde surgem esbeltos cabeços policromados, fica-se estupefacto, assombrado; participa da emo-

ção estética o que ha de mais elevado na gama dos nossos pensamentos e dos nossos sentimentos — é o *belo sublime*, mas é ao mesmo tempo o *belo grandioso*, porque, a par da magestade olimpica da cratera, desfruta-se um panora-

recolhem em vasilhas os peixinhos que lhes recordarão todo o ano esse dia feliz, passado junto do seu *mais-que-tudo*, que depois partiu para a California, talvez para não mais voltar.

Mas na ilha ha muito mais que admi-

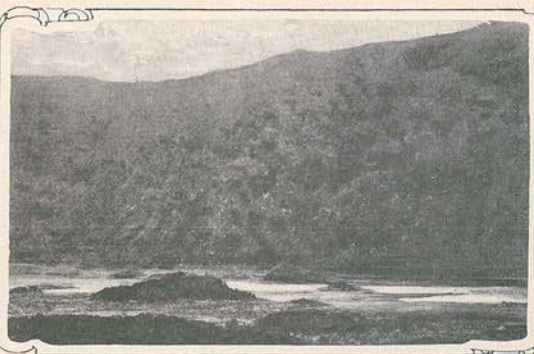


Vista geral da cidade da Horta

ma vastissimo e soberbo ao percorrer a legua e meia da borda sensivelmente circular, situada nas culminancias da ilha. Divisam-se grande numero de freguezias, paisagens sempre diversas e sempre belas, o porto da Horta, amplo e abrigado, juncado de navios, as tres já citadas ilhas e o mar, o infinito mar, que vae tocar lá muito longe, no horizonte, as nuvens acasteladas do Atlantico.

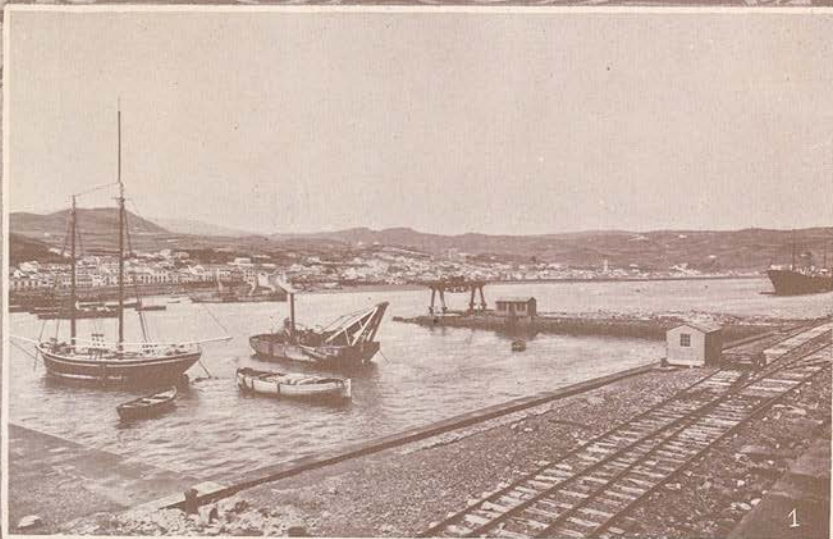
E' ali que pelo S. João se juntam milhares deromeiros em folgado simples e comunicativo, tocando as suas flautas e buzios, repetidos em dezenas de ecos pelas quebradas das encostas, organizando as suas *folgas* em que bailam a *chamarrita* ao som alegre das violas e das cantigas amorosas, descendo em ranchos á lagôa, onde as robustas moçoilas

rar. Passeios pitorescos, pontos de vista interessantissimos, seculares campos de lava d'um aspeto singular, um dos raros exemplares de tuneis vulcanicos; logo ao desembarcar se defronta no Monte Queimado um belo tipo de *dyke*, raridade plutonica, e ao lado, no Monte da Guia, existe uma cratera quebrada, por cuja soluçao de continuidade entra o mar, e que tem tanto de estranho quanto de imponente, cabendo-lhe bem o nome de *Caldeira do Inferno* que lá lhe dão. Só na ilha de S. Paulo, no Indico, se conhece um exemplar assim tão perfeito de cratera falcada. N'este mesmo monte existem umas furnas notaveis pela sua formação; a percussão das ondas abriu ali novas galerias, cruzando-se algumas interiormente, onde os barcos de recreio se



Vista do fundo da «Caldeira»

de cratera falcada. N'este mesmo monte existem umas furnas notaveis pela sua formação; a percussão das ondas abriu ali novas galerias, cruzando-se algumas interiormente, onde os barcos de recreio se



vão balouçar nas tardes do verão paradisíaco d'aquele clima, depois da vi-  
 ração balsâmica do canal os ter le-  
 vado até ao Pico, n'um passeio de man-

rando as cumiadas em reverberos  
 encantadores e matizando o rendi-  
 lhado das nuvens de coloridos extra-  
 vagantes.



1. Porto artificial da Horta.—2. Sítio do Pastelero

darim, cheio de atrativos, de gosos  
 que só ali o sol sabe oferecer, doi-

Bela terra portuguesa que muitos  
 desconhecem... EUGENIO GARCIA.





1

A americana do alquilador sr. José Ferreira dos Santos que tomou parte nas cavalhadas da Figueira da Foz



2

O juramento de bandeiras na companhia de saúde no Porto foi um acontecimento por todos os motivos digno do interesse que lhe ligaram as diversas personalidades que assistiram a essa cerimonia



3

Sr. Manuel José de Miranda Junior, director da beneficencia aos entrevados de S. Nicolau do Porto e que tem sido um dos apóstolos do bem fa-



4

zer, distribuindo esmolas pelos pobres protegidos pela mesma Comissão.—2. No Porto. O juramento de bandeiras na companhia de Saúde; o capitão sr. Augusto Rosa, comandante da companhia fazendo as graças.—4. Officiaes da companhia de saúde e os que assistiram ao ato.—(Clichés do distinto fotografo amador sr. Albuquerque d'Almeida).



Cravo-rosa do Jardim do sr. Antonio França da Covilhã, bellissimo exemplar com quarenta centímetros de circunferencia



Um belo exemplar d'ameixoelra «Golden Japão» com 270 frutos, pertencente ao horticultor sr. Jacinto de Matos do Porto. (←Cliché Chalm.)

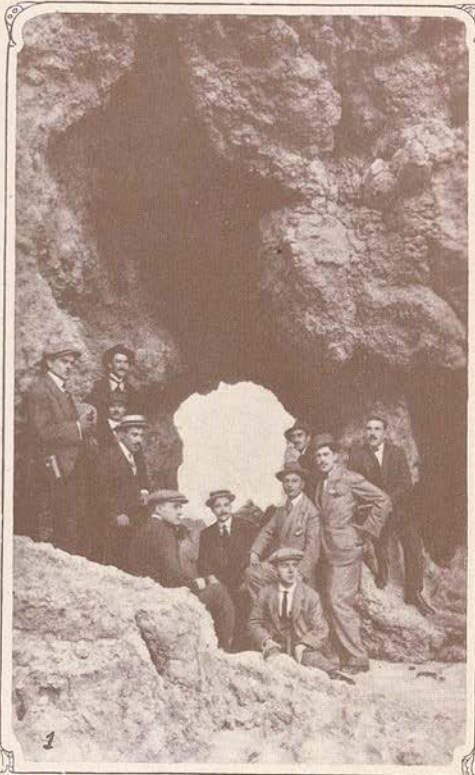
# A excursão aquista dos estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa

Ha quatro anos que os cursos medicos aproveitando o facto de não haver exames no 3.º ano organisam excursões ás principaes estancias termaes do nosso paiz.

A nossa, inferior ás outras no numero de excursionistas, excedeu-as em extensão, indo além fronteiras onde Mondariz nos acolheu com carinho. Durante 25 dias passeamos pelo paiz de norte a sul e de Este a Oeste sendo por toda a parte recebidos com os maiores obsequios.

Guarda, Felgueira, Luso, Vizela, Taipas, G e r e z., Mondariz, Entre-os-Rios, Mole-do, Vidago e Cucos, acolhem-nos como seus convidados.

Partimos para o Algarve em numero de 20. Visita-se Monchique e a Praia da Rocha, passeia-se nas aguas que banham a costa desde Portimão á Bahia de Lagos n'um gazolina que a gentileza do importante industrial Fialho Judice põe á nossa disposição. A 2 de Junho chegamos a



Na praia da Rocha.

Lisboa saudosa da extranha luz que ilumina toda a paizagem algarvia e que nos faz pensar nos poenies de Claud e Lorrain.

Partimos em direção á Guarda. Eramos ainda menos; os drs. Manuel Feijão, Manuel Macedo e Machado Miranda, os nossos condiscipulos Bento Franco, Vasco Sanches, Manoel Bento e Abilio Garcia não nos poderam infelizmente acompanhar. No sanatorio da Guarda, onde somos gentilmente recebidos pelos srs drs. Amandio Paul e Almeida Dias observamos com imenso agrado o aspéto de bem estar dos doentes que esperam a sua cura deleitando-se com a côr e o aroma de rosas de fina raça, provenientes de Luxemburgo e Irlanda e que muito bem se acclimatam áquella attitude.

Em Felgueira a figura altamente simpatica do dr. João Felicio inicia-nos na maneira de observar scientificamente umas termas.



Na Praia da Rocha: Uma casinha.



Pequena paragem entre Portimão e Caldas de Monchique



Luso é-nos mostrado pelo dr. Paes Abranches e tenente Delgado e o pouco tempo que nos demoramos no Bussaco aproveitamo-lo admirando a magnificencia do seu hotel e os azulejos de Jorge Colaço.

Com curta demora no Porto alcançamos Vizela, cujo parque é dos mais belos que observamos; banhado pelo rio do mesmo nome tem um pequeno caes onde abordam alguns barcos de recreio; aproveitamol-os para visitar a poetica Ilha dos Amôres... o que só conseguimos depois de varios abalroamentos, encaihes, de mil perigos emfim, arriscando-nos a deixar o nosso colega José Caldas abandonado n'um rochedo proximo, qual moderno Adamastor d'aquele Mar Tormentoso.

Depois seguimos para Guimarães, a cidade de Afonso Henriques com o seu castelo e as muitas casas brasonadas; visitamos as Caldas das Taipas, pequena mas muito elegante instalação balnear; e deixando Braga com a sua Sé e o seu Bom Jesus partimos n'uma chuvosa manhã para as afamadas termas do Gerez.



Aqui impressionou-nos o acidentado do terreno em que as encostas nos aparecem interceptadas por nuvens sobre as quaes irrompem os cumes.

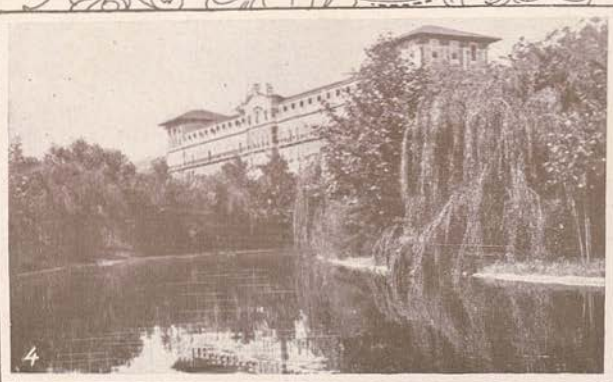
A nova «étape» da nossa excursão é Mondariz onde fomos excelentemente recebidos por Monseñhor Farinas, professor D. Casimiro Torre e 13 medicos recentemente formados na Faculdade de Santiago, pessoas estas convidadas especialmente pela familia Peñador para nos encherem de obsequios.

A nossa estada em Hespanha foi aproveitada para visitarmos Vigo e Tuy. Como recordação de Vigo ficou-nos a beleza da sua bahia e a saudade dos muito lindos olhos que por lá vimos.

Outra vez em Portugal visitamos Caldas de Monsão onde fomos

festivamente recebidos com musica, foguetes e onde as senhoras, n'um gesto amavel, nos arremessaram flôres.

Estavamos em Viana do Castelo onde do alto de Santa Luzia admiramos um belo horizonte, Mercê do nosso colega Caetano d'Oliveira tivemos a



1. Viana do Castelo: O gazolina onde se deu um passeio no Lima  
 2. Vizela: Paragem na ilha dos Amores. 3. No Bussaco: Cruz Alta.  
 4. Vidago Palace Hotel onde estiveram hospedados os excursionistas, obra do distinto arquiteto sr. Ferreira Costa.



1

que para nós foi de uma extrema amabilidade e com o qual tivemos uma conversação bastante interessante e elucidativa sobre a vida do nosso paiz.

Saidos de Vidago deixamos para visitar pessoas de familia os nossos colegas Guilherme Alvelos, José Caldas Ruy de Carvalho e Caetano de Oliveira. O Alvelos que sempre exercera com intelligencia e economia as funções de tesoureiro cedia este logar ao Enes Ferreira, lamentando-se de não apresentar um superavit. O dinheiro gastara-se á justa.

As afamadas termas dos Cucus é o terminus da nossa excursão, dando-se aqui a nota mais alegre do nosso passeio

um baile im-provisado po-gentis damatermina á hora de apressadamente par-firmos para a estação. E j-em caminho para Lisboa em quanto Sa-neira, Rosa Ramos, R. Henriques, Leão da Silva e Machado dos Santos recordam algumas peripecias da nossa viagem, J. Monteiro Enes e eu

honra de sermos apresentados á familia Alpoim d'Aggorreta e o prazer que nunca será esquecido de visitar sua casa, um verdadeiro museu de arte antiga. Em Entre-os-Rios prende-nos a atenção as minas de um antigo balneario romano ainda em estado de conservação tal que nos permite observar a sua disposição em pequenas cellas e mesmo os seus meios de aquecimento. Saudosos da boa recepção que nos foi feita tanto em S. Vicente como na Torre seguimos caminho ao longo da margem direita do Douro até Moledo, estancia esta bastante afamada no norte e já medianamente conhecida da gente do sul; a mesma bizarra recepção das outras termas visitadas não é feita. Em Pedras Salgadas demoramo-nos apenas o tempo necessario para uma visita rapida ao estabelecimento termal.

Vidago, magnifico. As suas fontes estão artisticamente protegidas por ricas instalações; azulejos de Julio Silva, um dos



2



3

1. Pequena paisagem entre Guimarães e Braga.—2. Quinta do Brejoeiro lago grande.—3. Caldas das Taipas: Entre os excursionistas o sr. dr. Fernandes, director do balneario.

melhores amigos, revestem as suas paredes. O seu hotel suporta vitorioso o confronto com o de Mondariz que incontestavelmente é um magnifico hotel. Aqui tivemos occasião de conhecer o dr. Teixeira de Souza

aplaudimos com entusiasmo a idéa de Mario d'Aguiar de uma excursão ás ilhas a que ele dedicaria toda a sua boa vontade e competencia de organisador.

ASSIS BRITO (FILHO)

# S. Bento das Peras

rosos se bem que indiferentes; por ultimo, o S. Bento das Peras, a popular romaria do Rio Tinto, que todos os anos ali arrasta milhares e milhares de pessoas.

E o caso é que para todas estas diversões houve publico á farta, principalmente para a ultima, andando os electricos e comboios, toda a tarde, pejados de gente, alem da que para o local se dirigia a pé, em automoveis e «char-á-bancs». Desde a estação do caminho de ferro á igreja — um largo trecho da rua de cerca d'um quilometro, — pelos campos e terrenos marginaes, no largo enorme que circundava o cemiterio, sobre o adro espaçoso, a multidão formigava, comprimia-se, acotovelava-se, n'um redemoinho imenso, levantando-se

do chão, envolvendo-a uma nuvem enorme de poeira, que punha manchas esbranquiçadas nos fatos e vestidos, cobria todas as barracas de comidas e os taboieiros de doces, e alastrava-se no ar, interminavelmente, impertinente, abafadico, sufocante. E aquilo é que era go-sar...

Por toda a parte, grupos



1. A multidão ocupando todo o largo em que se fazia a venda da louça.

N'aquelle domingo cheio de sol, cujo ardôr uma aragem ligeira atenuava, o povo do Porto e a gente dos arrabaldes tiveram distrações bastantes para espaiar o tedio e a fadiga d'uma semana de trabalho: a festa da Senhora do Bom Despacho, na Maia, concorrida principalmente pelos habitantes da beiramar; uma tourada em Espinho, a primeira da epocha, e que por isso despertou curiosidade; a chegada do sr. dr. Antonio José d'Almeida, espectáculo assaz divertido, que se passou em pleno coração da Invicta e a que não faltaram cenario e guarda-roupa vistosos, personagens e comparsas, bebados de entusiasmo uns, outros sedentos de vingança, e espectadores nume-



2. A caminho da romaria.—3. Um aspeto do arraial.



Fritando peixe ao ar livre

de rapazes e raparigas cantavam, tocavam, dançavam, n'um rodopio incessante. As bandas, nos coretos, atordoavam os ouvidos com trechos de musica horrivelmente interpretados. A' porta d'um pequeno circo, histriões lamentáveis e sordidos convidavam para assistir á dança do urso e vêr as habilidades d'outros animaes, tão feroces como famintos, emquanto ao lado, um velho «carroussel», sobre desconjuntados cavalinhos de pau, os moços e moças, homens e creanças, se deixavam girar vertiginosamente.

E aquillo é que era gosar...

Sob toldos rotos, indecentes, ou á

sombra das arvores, largas e compridas mesas de pinho estendiam-se, emporcalhadas de vinho, cobertas de estrume, onde o povo, desde os fidalgos da cidade aos plebeus da aldeia, se deliciava com os saborosos petiscos polvilhados de poeira e com a bela pinga misturada com agua e outras drogas varias. N'um campo extenso, que um regatosito banhava e grandes arvores ensombriavam, dezenas de familias saboreavam tambem os seus merendeiros, e formavam-se danças, e ouviam-se desccantes, os homens em mangas de camisa, suados e sujos, as senhoras de tranças des-



Os cavalinhos de pau



nastradas, blusas a despregar-se, enxovalhadas e ridiculas.

E o espirito do vinho, como outr'ora o espirito de Deus, agitava-se em convulsões por entre aquella multidão imensa.

povo, no comboio, á entrada e á saída da estação, quasi tive inveja dos pacatos cidadãos que, na chegada do sr. dr. Antonio José d'Almeida, apanharam alguma sabrada perdida e tiveram apenas o trabalho de ir curar-se ao hospital.



1. A multidão descendo do adro para o largo fronteiro.—2. Serviço de restaurant ao ar livre.  
(«clichés» Alvaro Martins).

Ai aquilo é que era gosar!...  
E como eu me diverti na romaria de S. Bento das Peras!...

Quando cheguei á cidade, amolgado pelos encontros, pelas pizadelas, pelos boléos, entre o

Mas não ha duvida que as romarias são interessantes...

Porto, 15-7-914.

SOUZA MARTINS.

## As festas militares de Chaves

Realisaram-se em Chaves algumas festas militares com a assistência do sr. ministro da guerra celebrando o combate ali travado contra as forças de Paiva Couceiro quando da segunda incursão.

O general sr. Pereira d'Eça saiu de Lisboa, com os seus ajudantes de campo, sendo

recebido em Chaves pelas autoridades, vendo manobrar algumas companhias de infantaria, cujos exercicios não poudo deixar de elogiar assim como a fórma porque se apresentaram os soldados cuja instrução tem sido escrupulosamente cuidada por parte dos officiaes distintos d'aquelle regimento da provincia.

Tambem houve saltos de obstaculos em que se mostraram magnificamen-

te adextrados os cavalos do regimento de cavalaria 6 e bem assim verdadeiros peritos na arte de bem cavalgar os militares que os obrigaram a prestar essas notaveis provas.

Ainda outros exercicios se realisaram regressando o sr. ministro da guerra conscio de que

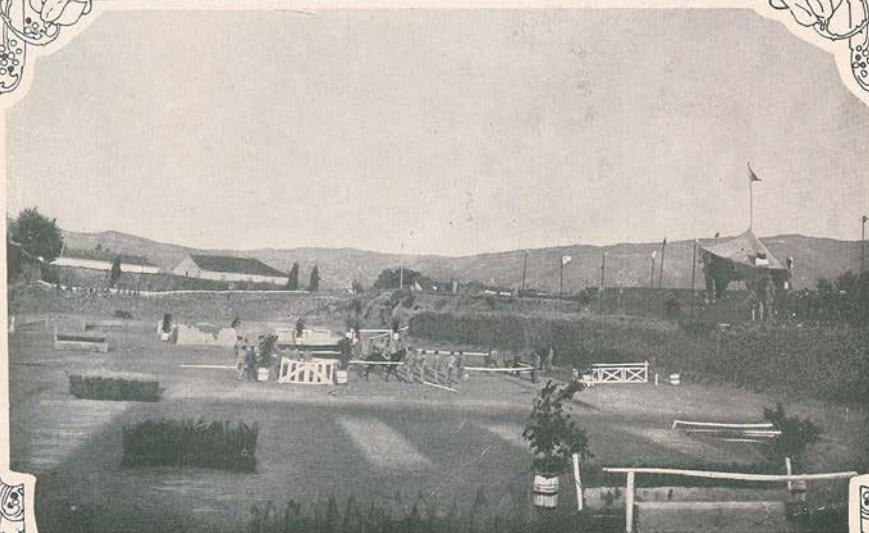
por toda a parte se está procedendo a um verdadeiro trabalho de revigoramento do exercito conforme ficou provado com as revistas e trabalhos militares a que assistiu durante a sua viagem em varias unidades do paiz,

as quaes se acham esplendidamente disciplinadas.

Tambem se realizou o juramento dos



Os srs. ministro da guerra, comandante da 6.ª divisão e comandante militar da guarnição de Chaves assistindo á instrução de recrutas do 19.



Campo de obstaculos do regimento de cavalaria 6 onde se realisou a festa desportiva comemorativa de 8 de julho de 1912.



1. No hipodromo: A marcha em continencia. 2. No quartel de infantaria 19: Os srs. ministro da guerra, General da divisao e comandante do regimento saindo da visita a companhia a que pertenceu o cabo Souza Dias morto em Chaves. 3. No hipodromo militar do Campo da Roda: A cavalaria desfilando em continencia ao ministro da guerra.—



recrutas tendo a festa decorrido no meio do maior entusiasmo. A ratificação fez-se com uma grande solenidade, sendo muito comovente essa cerimonia em que tantos soldados se declararam prontos a dar a sua vida pela patria.

O ministro da guerra assistiu ainda a um concurso hipico promovido especialmente, retirando de seguida



para Lisboa. Houve tambem em Chaves um concurso de tiro ao alvo em que se apresentaram os melhores atiradores da vila e que chamou uma grande concorrencia ao recinto, especialmente de senhoras, sendo conferidos valiosos premios aos que mais se distinguiram n'essas provas por todos os motivos dignas d'um alto interesse.



1. No hipodromo militar do Campo da Roda. Retificação do juramento de bandeiras pelos recrutas de cavalaria 6.  
 2. Os atiradores que obtiveram mais classificação no concurso de tiro da esquerda para a direita: srs. Antonio Gomes de Queiroz, Carlos Borges Delgado, dr. Adalberto Teixeira, Antonio Sindo go Carneiro e Alfredo Ferreira.  
 3. Um trecho da avenida central do jardim publico onde se realizou o festival noturno pelas bandas.

## FIGURAS E FACTOS

Entre outras comemorações da guerra peninsular havia um concurso literário com premios de mil, quinientos e trezentos escudos que foram respectivamente distribuidos a trabalhos dos srs. major Teixeira Botelho, coronel Gil e 1.º tenente da armada Mota Oliveira e capitão Campos. A distribuição dos premios foi feita na Academia das Ciências sob a presidencia do chefe do Estado.



Sob a presidencia do grão mestre da maçonaria sr. dr. Magalhães Lima realizou-se uma sessão solene e distribuição de premios aos alunos mais distintos do Asilo José Estevão, sustentados por essa agremiação.

Enalteceu-se a obra da difusão do ensino levada a cabo por aquele nucleo decorrendo a sessão com o maior entusiasmo.



1. Tres dos premiados: Srs. capitão Mario Campos, coronel Ferreira Gil e major Teixeira Botelho.  
2. No Asilo José Estevão: O sr. Presidente da Republica e presidente do ministerio.

Tendo a «Ilustração Portuguesa» publicado um artigo reclamando sobre Vidago, enviado pela Empresa d'aquelle estabelecimento, no qual se dizia ser o sr. Ventura Terra o autor da construção do magnifico hotel, recebemos a seguinte carta na qual se mostra quem é o verdadeiro autor d'esse trabalho:

[Ex.<sup>mo</sup> sr. diretor da «Ilustração Portuguesa»

«No n.º 435 de 22 de junho, do seu acreditado semanario descreve v. ex.<sup>a</sup> o magestoso edificio terminal de Vidago, e referindo-se ao salão de jantar considera-o «a mais bela concepção do notavel architecto sr. Ventura Terra». Unicamente para desfazer um equivo-co, que muito deve ter magoado este distinto artista, cumpre-me declarar a v. ex.<sup>a</sup> que, tanto o projeto, como as plantas, detalhes, decorações, direção tecnica etc., do «Vidago Palace Hotel», que V. Ex.<sup>a</sup> classifica de «maravilha d'arte», e em que se encontra incluído o salão de jantar, «que reúne tantas circunstan-



O illustre architecto Ferreira da Costa

lhos, que a v. ex.<sup>a</sup> tantos louvores merece.

Como este cavalheiro, gosando uma merecida reputação artistica, não precisa de certo acrescental-a com honras que a outro pertencem, solicito de v. ex.<sup>a</sup> a necessaria retificação, que antecipadamente agradeço.

Creia-me com a mais subida estima

De V. Ex.<sup>a</sup> M.<sup>o</sup> Att.<sup>o</sup> V.<sup>o</sup>

João de Deus Paula  
Ferreira da Costa



2. A reunião da Associação dos Trabalhadores da Imprensa no Salão da «Ilustração Portuguesa»

A Associação dos Trabalhadores da Imprensa é hoje já uma grande força associativa que todos os anos espalha valiosos subsídios, rendendo as festas que promove avultadas quantias que vão ter o logico e condigno emprego de auxiliar os que labutam na tarefa da imprensa quando impossibilitados ou na doença, e bem assim as suas viúvas e orfãos.

Ha dias no Salão da «Ilustração Portuguesa» comemorouse com uma sessão solene o decimo aniversario da sua fundação na qual falaram distintos oradores.



3. Silvio Romero, illustre escritor brasileiro, falecido recentemente no Rio de Janeiro.



4. A chegada a Lisboa do illustre brasileiro sr. dr. Sabino Barrozo. O embaixador do Brazil, sr. dr. Regis d'Oliveira, com o illustre viajante.

5. Depois da Inauguração do retrato do novo comandante de hombeiros e do vereador sr. Abel Sebroza no quartel da Esperança

cias a imporem-se á admiração do visitante», são obra de meu filho, o architecto José Cristiano de Paula Ferreira da Costa, atualmente ao serviço do Estado, como architecto da provincia de Moçambique, não tendo o sr. Ventura Terra intervindo direta ou indiretamente em qualquer dos traba-



A questão do Ulster é da emancipação de toda uma provincia ca-

si-r Carson e os seus voluntarios, recebendo socorros de varios

tolica e profundamente regionalista que busca a garantia da sua religião e dos seus direitos n'uma já tradicional revolta. Agora



pontos, propõem-se a efetuar o que os debates do parlamento inglez, desde ha um quarto de seculo, não conseguiram.



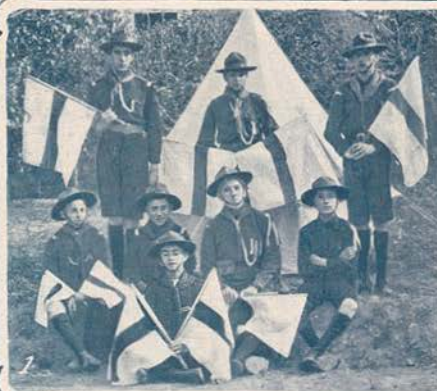
A questão do Ulster. Dois dos seus illustres protagonistas: 1. Sir John Redward.—2. Sir Edward Carson.—3. Sr. dr.

A festa de homenagem ao illustre professor Castro Rodrigues decorreu com um grande entusiasmo, tendo os seus colegas manifestado quanto apreciam as suas altas quali-



dades de espirito, de intelligencia e de coração. E' um dos mais distintos e dos mais antigos professores portuguezes, cujos serviços á instrução teem sido relevantes.

António José d'Almeida, retrato tirado pouco antes da sua partida do Porto. (Cliché Fotoclí.)—4. Na festa de homenagem ao distinto professor Castro Rodrigues na Escola Central n.º 1: O homenageado rodeado por alguns membros da comissão.—(Cliché do distinto amator sr. Costa e Brites.



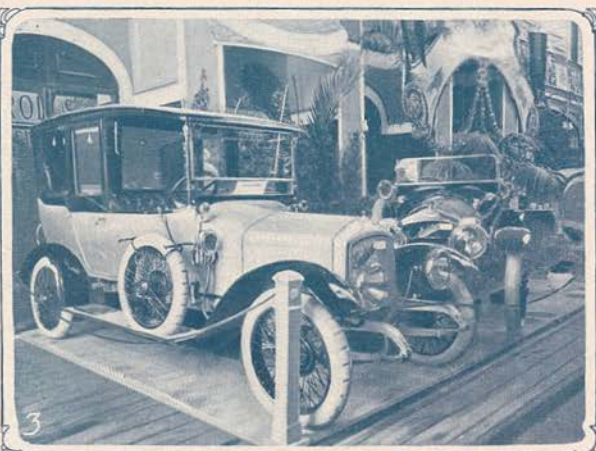
1. Os escolteiros 1.º grupo de Lisboa que vão de viagem a Inglaterra.—2. As Irmãs Sanchez que estão vendendo sortes na barraca dos Trabalhadores da Imprensa na Feira d'Agosto.

SALON AUTOMOBILE  
O "Stand" EXCELSIOR

Os automoveis «Excelsior», ainda ha pouco com representação em Portugal, conquistaram já, pelas suas extraordinarias qualidades de resistencia e regularidade, um logar de destaque entre as boas marcas que se encontram no nosso mercado.

E, é de justiça dizer-se, que eles tem jús a essa situação porque são, incontestavelmente, uns belos carros. O «chassis» 18 H. P., 6 cilindros, que vimos no «Salon» mereceu dos entendidos no automobilismo elogiosas referencias, é d'uma grande simplicidade, robusta apparencia e d'um acabamento irrepreensivel. A fabrica «Excelsior», que gosa de grande reputação em todo o mundo, emprega nos seus «chassis» os melhores materiaes, motivo porque eles resistem d'uma maneira notavel aos horrores das nossas estradas. São muitas as victorias alcançadas pela famosa marca bel-

ga. Entre elas contam-se a do quilometro lançado, feito á velocidade de 180 quilometros á hora, com o tipo Roi des Belges, 6 cilindros 90/160, absolutamente de serie. O mesmo tipo de «chassis», no autotromo Brooklands, percorreu 50 milhas em 29,18'4/5, o que dá uma media de 165 quilometros á hora, estabelecendo assim o record do mundo. E, finalmente, no Grand Prix de Andianopolis, fez um percurso de 500 milhas conseguindo a formidavel media de 125,500 á hora. Além do «chassis» a que nos referimos esteve em exposição uma elegante e luxuosa «limou-



Um aspéto do «stand» Excelsior

sine» de 1420 H. P., 4 cilindros, e um magnifico torpedo 1824, 6 cilindros, de linhas admiravelmente lançadas, que tambem foram muito admirados. São agentes da fabrica Excelsior: No Porto, os srs. Lago & Sentieiro. Em Braga, os srs. Zenha & C.ª.



## A educação feminina em Coimbra



Não é só em Lisboa e Porto que n'estes ultimos tempos se tem feito brilhantes exposições de trabalhos femininos, demonstrando-se assim o grande cuidado que está merecendo entre nós a educação pratica da mulher. Tambem Coimbra, a bela cidade da universidade, está realisando uma grande transformação nos institutos de ensino para

o sexo feminino. Hoje já ninguem lamenta a extinção do recolhimento das Ursulinas; outros institutos novos se ergueram, como o «Colegio Portuguez», dirigido pelas sr.<sup>as</sup> D. Adelaide de Barros e D. Josefina de Brito e cuja ultima exposição de labores, de que publicamos dois aspétos, foi muito apreciada.



Aspétos da exposição de labores em Coimbra.

# TEATROS



Teatro Politeama: Cena final das «Musas Lusas»

## A Semana Teatral:

D'antes, em chegando o verão, os teatros de Lisboa, salvo raras exceções, fechavam. As companhias seguiam em *tourneés* para o Brazil e para a provincia. Junho via emigrar, de mala ás costas, o teatro alfacinha. Tanto e tão mal emigraram os nossos actores, que acabaram por estragar esse recurso da exportação. O Brazil tornou-se, para os nossos elencos, desconfiado e exigente. A provincia começou a abrir os olhos: tantas *Fedoras*, tantas *Toscas* de tres ao vintem, lhe deram que hoje já se sabe defender do contrabando que a capital lhe manda. A *tournee* na provincia tornou-se tambem difficil e precaria.

E os nossos artistas começaram a tentar Lisboa. Os teatros começaram lentamente a experimentar o verão. Agora, quasi á porta d'agosto, ahí temos nós quatro teatros abertos—e tres, um dos quaes novo, que se preparam para abrir. O lisboeta, que tem positivamente o vicio do teatro, perdeu o medo ao calor. A ventoinha electrica recon-

ciliou-o, durante estas noites ardentes, com o *fau-tenil*, com a sala de espectaculos e com o *maillot* das coristas.

Temos, pois, os compassos liricos da opera comica italiana, com a garganta da signora Ivanisi e a graça da signora Steffi Csillag, no Coliseu; a zarzuela endiabrada, no Politeama, onde a *siñorita* Inez Garcia seduz com a gentileza coleante do seu corpo andaluz; no Teatro da Republica, a fantasia de uma revista d'ano e o talento comico do sr. Chaby—c no Avenida, o eterno *31*, o *31* de todos os feiticos, *31* do direito e do avesso, o *31* inexgotavel.

E, como se isto fosse pouco, o Eden, que vae abrir, anuncia-nos *O Buro do sr. Alcaide* e uma revista nova; o Apolo promete-nos as liberdades do mais libertino teatro francez e o Moderno uma peça policial, com todos os matadores.

Se, depois d'isto, ainda alguém disser que Lisboa não se diverte no verão, lá irá para onde o pague.

A. d. C.



2. O ator Gomes no «compre» «Valdevinos» da revista «Pão Nosso»  
3. O ator Chabi Pinheiro no «Leão das Salas».

(Glich's de Benofel)

**PÕ**  
**DE ABYSSINIA**  
**EXIBARD**  
*Sem Opio nem Morphina.*  
 Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
**Catarrho, Oppressão**  
 35 Anos de Bom Exito.  
 Medalhas Ouro e Prata.  
**H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>**  
 6, Rue Dambasle  
**PARIS**  
 e BOAS PHARMACIAS

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



**BAUME BENGUÉ**  
**CURA TOTALMENTE**  
**RHEUMATISMO-GOTA**  
**NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias



# Goerz TENAX

Machinas cómodas e de maior precisão para todos os fins da photographia

O modelo mais moderno:

**Goerz-Taro-Tenax 9 12 cm**  
 com tenastigmatico Goerz

A venda em todas as lojas de artigos photographicos

Lista de preços gratis

Optische Anstalt **C. P. GOERZ** Aktiengesellschaft  
 Berlin-Friedenau 111  
**VIENNA** **PARIS** **LONDRES** **NOVA YORK**

## AGENTES E COMMERCIAENTES:



Ganhem dinheiro com o nosso extenso sortimento de Ampliações de Retratos a Oleo, Aquarela, Sepia, Miniaturas, Convexas, etc., etc. Alem que com as nossas Oleographias, Aquarelas feitas do Natural, Crucifixos Luminosos, Esterescopios, Vistas, Chromos e Estampas de toda a especie, Molduras, Quadros, Obgetos de Arte e varias Novidades.

Desejamos agentes para diferentes pontos d'esse paiz. Concedemos agencia exclusiva a agentes activos.

Peçam o nosso catalogo em hespanhol o qual o enviaremos gratis. Correspondencia em Portuguez ou Hespanhol. Garantimos a nossa mão de obra e mercadorias. Rapidez e promptitude no serviço. Grandes descontos para os agentes e commerciantes.

**Consolidated Portrait and Frame Co.**  
 1029—Dept. C. 37, W. Adams Street,  
 Chicago, Ill., E. U. A.

## INGLEZ PRATICO

O NOVO METODO

*Inglez em 15 dias*

Sem livros, sem estudo, com pronunciação figurada e conversação por Mr. F. ALEXANDER, of London. Propriedade do autor. Vendem-se lições separadas a 5 cent. Curso completo peço correlo 52 cent. fortes.

**F. ALEXANDER**

95, Rua Nova do Almada, s/l. D.—Lisboa

**Colégio Nacional**  
**SANTAREM**  
 litterario de 1.<sup>a</sup> classe para meninas. Pro fessoras e estrangeiras, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc. o o o

**Perfumaria**  
**Balsemão**  
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

## Gold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, brancura, perfuma e amacia a pele. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, pano, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup>**—84, Rua dos Fanqueiros, 1.<sup>o</sup>—LISBOA



# Grand Prix

DO

## AUTOMOBILE CLUB DE FRANCE

4 de Julho de 1914      753 kilometros



LAUTENSCHLAGER SUR MERCEDES

- 1.º Lautenschlager sobre carro Mercedes  
Em 7 h., 1', 18"
- 2.º Wagner sobre carro Mercedes
- 3.º Salzer sobre carro Mercedes

TODOS SOBRE OS CELEBRES

**PNEUS**

**CONTINENTAL**

QUE MAIS UMA VEZ CONFIRMA A SUA SUPERIORIDADE